

Notícia: Falta de formação ameaça o artesanato

Veículo: O Liberal

Caderno: Cidades, pág. 14, Atualidades

Citação do Museu Goeldi: Sim

Conceito: Positivo

Data: 12/01/2021

CERÂMICA

Falta de formação ameaça o artesanato

PARACURI – Artesão da terceira geração de ceramistas do distrito de Icoaraci teme pelo futuro da atividade

VALÉRIA BARROS
ESPECIAL PARA O LIBERAL

Icoaraci sempre se destacou pela originalidade do polo de artesanato em argila, no Paracuri, onde artesãos mais talentosos e dedicados ao estudo reproduzem peças cerâmicas de antigas civilizações, como a tapajônica e a marajoara, tradição ameaçada por não haver cursos de formação para a juventude local.

Marivaldo Sena da Costa, 49 anos, é artesão ceramista no Paracuri e desde a infânc-

cia, com 10 anos, já fazia os próprios brinquedos de argila. Ele herdou a vocação dos pais e dos avôs.

"Sou da 3ª geração, mas também da última", conta, com tristeza, ao informar que filhos e netos seguirão outra profissão. "Infelizmente, não tem centro para formar uma nova geração", lamenta.

Marivaldo lembra que os avôs produziam pratos, potes, filtros e alguidar, em cerâmica.

"Eles levavam até o Ver-o-Peso em grandes barcos chamados batelões", diz ele.

Na década de 60, Mestre Cabeludo desenhou na cerâmica, com um risco mais grosso, marca do artesanal local.

Depois, Mestre Cardoso

introduziu as réplicas de peças arqueológicas, a partir de um contato com o Museu Goeldi.

RÉPLICAS

"A partir de 2008, comecei a estudar as peças arqueológicas e, em 2009, comecei a reproduzir, ainda baseado nas peças de Mestre Cardoso", diz ele.

Em 2016, ele relata que o Museu Goeldi o convidou para o projeto Replicando o Passado, onde foram reproduzidas 10 réplicas.

"Elas passavam por uma avaliação super rigorosa de arqueólogos, até que fossem para a aprovação final e ganhassem o selo de autenticidade. A partir daí, elas poderiam fazer parte de grandes exposições que percorriam o País".

As réplicas das cerâmicas com valor arqueológico são uma exclusividade do trabalho de Marivaldo, no Paracuri, que assimila técnicas como textura, envelhecimento e pintura natural e aproveita na cerâmica que produz.

Desde março, o projeto do Goeldi está parado e a exposição prevista para setembro passado foi cancelada por causa da pandemia.

"Na minha loja, eu reproduzo a cerâmica marajoara,

a tapajônica (Santarém), a Maracá (sul do Amapá) e a Cunani (norte do Amapá e Guiana Francesa). Eu vendo as peças aqui ou pela inter-



Marivaldo faz réplica de cerâmica marajoara, tapajônica, maracá e cunani, mas a tradição está ameaçada

net. Geralmente para um público de colecionadores, arqueólogos, antropólogos ou pessoas que reconhecem o valor desse trabalho minucioso, que requer muito estudo e conhecimento. É importante que as pessoas conheçam um pouco dessa história, pois as peças originais dificilmente saem dos museus. É através das réplicas perfeitas que se pode resgatar esse conhecimento", destaca.

Apesar do preço diferenciado, a produção das réplicas é menor que a demanda que ele recebe. "Consigo produzir de 80 a 150 peças

por mês, dependendo do tamanho e dificuldade dos desenhos a serem replicados. Cada peça varia de 30 a 120 dias para a confecção. Além dos clientes brasileiros, tem gente dos EUA, Alemanha, França e Argentina, interessados em comprar. Por isso é uma grande tristeza saber que esse trabalho todo tem um tempo certo pra acabar. Não haverá geração depois da minha para dar continuidade, mas ainda há tempo de se reverter isso. Precisamos de um centro de formação de jovens interessados", apela o artista, com esperança.

